

# Abutres e Mercado

Na contramão do esforço internacional para manter a tranquilidade nos principais centros financeiros, estão ocorrendo em São Paulo as piores baixas das bolsas de valores em todo o mundo. Desde a dramática terça-feira 11 de setembro, a Bovespa caiu mais de 15%, com o índice rompendo a barreira dos 10 mil pontos, pela primeira vez desde 1999. Engana-se, porém, quem pensa que o movimento é sério e se sustenta na realidade. Nada disso. É coisa de cafajestes, que se comportam como abutres dispostos a encher os bolsos em cima da desgraça alheia. Enquanto nos Estados Unidos e na Europa prevalece um “acordo de cavalheiros” pelo qual as instituições financeiras se comprometem a esperar a poeira baixar, os negócios em São Paulo são realizados em clima de pânico, como se a Humanidade estivesse à beira da extinção. Não há explicação para a histeria que tomou conta do pregão da Bovespa. A não ser a ambição desmedida de gente desqualificada, que quer ganhar dinheiro com a baixa. Uma cafajestada.

Os profetas do caos misturam fatos com projeções alarmistas. Que existe incerteza no ar não é novidade para ninguém. A destruição do World Trade Center atingiu o coração do mais ativo distrito financeiro do planeta, referências para todos os outros mercados. Nas duas torres gêmeas havia escritórios de cerca de 400 empresas, a grande maioria instituições financeiras. Um dos maiores bancos de investimentos do mundo, o Morgan Stanley, viu virarem pó os andares que ocupava. O prédio que abriga outro monumento das finanças, a Merrill Lynch, também pode ruir a qualquer momento, e mesmo destino ameaça a sede do American Express. Doze toneladas de ouro da custódia da Comex (divisão de comércio de metais da Bolsa de Mercantil de Nova Iorque, Nymex) estão debaixo dos escombros. Registros de operações e de clientes desapareceram. Sem esquecer, por um minuto que seja, o trauma com a morte de centenas de colegas de trabalho. Nesse ambiente enlutado, aguarda-se a reabertura dos pregões da Bolsa de Nova Iorque e do Nasdaq.

A tendência é de baixa, obviamente. Ainda mais quando se consideram os preparativos de represália ao “ato de guerra”. O cenário é instável, mas o delicado equilíbrio foi mantido nas bolsas da Europa, pois se tomou a decisão de aguardar o comportamento das bolsas americanas. Além disso, mostrou-se altamente positiva a ação conjunta dos bancos centrais para garantir a liquidez do mercado financeiro. Depois de colocar à disposição do sistema bancário US\$ 38,2 bilhões através de acordos de recompra, o Federal Reserve decidiu elevar a oferta para US\$ 70 bilhões. Em ação orquestrada com o FED, o Banco Central Europeu (BCE) injetou no mercado US\$ 63 bilhões, quantia equivalente a duas semanas de empréstimos aos bancos. Também no Japão, o redesconto de liquidez foi acionado em US\$ 17 bilhões. São cifras excepcionais que formam um colchão de segurança jamais visto nas finanças internacionais. Houve operações de socorro no *crash* da Bolsa de Nova Iorque em 1987 e quando a moratória da Rússia levou à bancar-

rota o Long Term Asset Management em 1998 – mas muito aquém da atual.

Tudo indica que a união dos bancos centrais e o “acordo de cavalheiros” de bancos de investimentos e corretoras surtirão efeito, contrapondo-se às tentativas de ação predatória. Vale lembrar que, desde de 1987, os pregões americanos adotam os chamados *circuit breakers*, exatamente para evitar baixas desenfreadas. Dificilmente, portanto, as aves de rapina verão confirmados seus funestos prognósticos. Isso não quer dizer que não há motivo para preocupação. Em primeiro lugar, os analistas são unânimes ao afirmar que o ataque terrorista aos Estados Unidos provocará o chamado “*flight to quality*”, fenômeno no qual os investidores transferem a poupança para alternativas mais seguras. Ficam mais conservadores e reduzem a margem de risco, em prejuízo das aplicações em títulos de economias emergentes. O Brasil, sem dúvida, será prejudicado com a redução dos fluxos de capital.

Outro problema para a economia brasileira é a recessão que ronda os Estados Unidos. Os números são decepcionantes. Apesar das seguidas reduções das taxas de juros, não surgem sinais de recuperação. Ao contrário: a produção industrial caiu 0,8% em agosto, em comparação a julho. E o índice de ocupação da capacidade industrial, também de um mês para o outro, baixou de 76,9% para 76,2%, a menor taxa desde julho de 1983. A economia americana continua a descer a ladeira. O índice de confiança dos consumidores já tinha desabado em agosto de 91,5 pontos para 83,6 pontos, o nível mais baixo desde novembro de 1993. Acredita-se que, após os atos terroristas, a confiança sofra abalo ainda mais forte. As famílias adiarão suas compras, o que torna remota a retomada da economia, pois o consumo responde por dois terços do PIB. Começa a se falar também dos reflexos negativos da represália contra países árabes, principalmente com relação aos preços do petróleo. Mas, aí, é exercício de futurologia.

O certo é que a economia internacional vinha dando sinais claros de desaquecimento e esta tendência deve se acentuar. O Brasil, portanto, tem de se preparar para dias de escassez. Diante da ameaça de retração no comércio internacional e no fluxo de capitais, só resta reforçar os fundamentos internos da economia. Com a máxima urgência. Agiu certíssimo o ministro do Planejamento, Martus Tavares, quando afirmou, durante audiência no Congresso, que os parlamentares não devem se deixar levar pelas “tentações” de período eleitoral ao debater o Orçamento da União para 2002. “Em período de ajuste fiscal rigoroso, não existe solução fácil”, disse o ministro. Não é hora de discutir reposição salarial do funcionalismo e aumento das despesas públicas, mas sim de apertar o cinto.

O Brasil tem que se empenhar a fundo no dever de casa e levar adiante as reformas que até hoje não saíram do papel. O país tem que ganhar músculos para enfrentar o novo cenário. Se havia adotado um Plano B, deve pensar imediatamente no Plano C. A economia não é de guerra, mas não custa criar anteparos que tornem o Brasil menos vulnerável às crises internacionais.